



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERROTÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

(Eixo ordem patriarcal de gênero e relações sociais de sexo)

**As transformações do puerpério: o potencial da palhaçaria
terapêutica na promoção do empoderamento feminino.**

Norrayne Nascimento Lyrio Pereira¹
Emilly Coelho Santana²
Blanca Elena Guerrero Daboin³
Janice Gusmão Ferreira de Andrade⁴
Tassiane Cristina Morais⁵

Resumo: Muitas mulheres sofrem violência durante o puerpério e mudanças significativas em suas relações sociais. Ações de empoderamento feminino via palhaçaria terapêutica tem potencial de quebrar estereótipos de gênero e promover experiências positivas. O objetivo deste estudo foi discorrer sobre as alterações do puerpério e contribuições da palhaçaria terapêutica para a o empoderamento feminino. Foi realizado um estudo de revisão da literatura. Verificou-se que o puerpério impõe mudanças fisiológicas, emocionais e sociais, a palhaçoterapia é uma aliada para o empoderamento feminino. É necessário desenvolver intervenções mais inclusivas e centradas na mulher, promovendo o empoderamento feminino nesta fase crucial do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Puerpério; Empoderamento; Assistência Integral à Saúde da Mulher.

Abstract: Many women suffer violence during the postpartum and significant changes in their social relationships. Actions of female empowerment through therapeutic clowning have the potential to break gender stereotypes and promote positive experiences. The aim of this study was to discuss the changes in the postpartum period and contributions of therapeutic clowning to female empowerment. A literature review study was conducted. It was found that

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Políticas Pública e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, bacharel em enfermagem, norrayne.pereira@edu.emescam.br.

² Discente do curso de fisioterapia da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, aluna de iniciação científica, emillycoelho496@gmail.com.

³ Pesquisadora colaboradora do Laboratório de Desenho de Estudos e Escrita Científica, Centro Universitário FMABC, doutora em Ciências, blanca.daboin@fmabc.br.

⁴ Docente do Programa de Pós-graduação em Políticas Pública e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, Doutora em Serviço Social, janice.andrade@emescam.br.

⁵ Docente do Programa de Pós-graduação em Políticas Pública e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, doutora em ciências, tassiane.morais@emescam.br.



the postpartum period imposes physiological, emotional, and social changes, and clown therapy is an ally for female empowerment. It is necessary to develop more inclusive interventions focused on women, promoting female empowerment in this crucial phase of human development.

Keywords: Postpartum; Empowerment; Comprehensive Women's Health Care.

1. INTRODUÇÃO

A falta de humanização no cuidado que ocorre no período do puerpério promovem uma maior vulnerabilidade para que estas mulheres desenvolvam o transtorno do estresse pós-traumático (Cantilino, 2010; Ladeira & Borges, 2022). O empoderamento feminino é um forte aliado no enfrentamento a violências, sendo definido como a tomada de poder em participação social às mulheres, expressado através de ações que fortalecem o gênero feminino e promovem a equidade (Azevedo *et al.*, 2023).

Em relação ao empoderamento feminino durante o puerpério, ele ocorre quando é incentivado que elas expressem suas dúvidas, necessidades e opiniões sobre o seu puerpério, saúde e cuidados com o recém nascido. Ainda, o empoderamento feminino é uma prática indispensável durante o puerpério, pois, pode colaborar para a melhora da saúde materno-infantil construindo pontes para a amamentação eficaz, autonomia, resiliência, auto-estima, consciência corporal e dos processos fisiológicos (Lima *et al.*, 2017).

Além disso, as Políticas Públicas voltadas para a saúde materno-infantil têm sido implementadas com o objetivo de incentivar o empoderamento feminino, por exemplo, a Política Nacional de Humanização – HumanizaSUS e a implementação do programa de humanização do pré-natal, parto e puerpério por parte dos profissionais de saúde (Brasil, 2023).

Ainda, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde prevê a arteterapia como ferramenta de humanização do cuidado, dentre as vertentes artísticas que compõe a arteterapia temos a palhaçoterapia que possui um enorme potencial para a humanização do cuidado em saúde (Ministério da saúde, 2006). Sabe-se que a palhaçoterapia têm repercussões positivas sobre o estado emocional, fisiológico e comportamental do indivíduo em ambiente hospitalar, como, ajudando na redução da dor, sensação de medo e melancolia (Catapan *et al.*, 2019; Kurudirek, Arıkan, Sarılioğlu, 2021).



Desta forma, acredita-se que ações de palhaçoterapia no puérpério, com ações sensíveis e delicadas, é capaz de repercutir positivamente na experiência das mulheres durante o puerpério, fortalecendo o papel das mulheres como agentes ativos em suas próprias experiências de maternidade, reconhecendo e valorizando o conhecimento e as experiências das mulheres no processo de cuidado materno. Outro ponto importante é a desconstrução de estereótipos de gênero, ações da palhaçaria terapêutica como uma abordagem de cuidado na maternidade, desafia estereótipos de gênero relacionados ao papel das mulheres como cuidadoras e provedoras de cuidados emocionais.

Realça-se que apesar da palhaçaria terapêutica e as ações desenvolvidas no puérperio representar uma ferramenta promissora para desenvolver o empoderamento feminino, ainda são escassos os trabalhos na literatura científica mundial que ilustram as contribuições desta prática para o empoderamento feminino durante o puerpério. Assim, pesquisas sobre o tema precisam ser desenvolvidas para que possamos ter resultados científicos que ilustrem que a falta de empoderamento neste período vulnerável pode perpetuar consequências fisiológicas que vão além da própria mãe e assim termos ainda mais resultados para consolidar e aprimorar as ações de empoderamento feminino.

Por isso o objetivo, deste estudo foi discorrer sobre as alterações do puérperio, feminino e possíveis contribuições da palhaçaria terapêutica para a o empoderamento feminino durante o puerpério. Assim, realizou-se um estudo bibliográfico, do tipo revisão narrativa da literatura científica.

2. O puerpério: alterações fisiológicas, emocionais e sociais.

O puerpério ou ciclo gestacional puérperal corresponde ao período pós-parto em que o organismo da mulher retorna ao estado pré-gravídico, têm início uma a duas horas após a saída da placenta e duração de seis semanas, sendo dividido em três momentos: Imediato (do 1º ao 10º dia pós parto), Tardio (do 11º ao 45º dia pós parto) e Remoto (a partir do 45º dia, com término imprevisto) (Brasil, 2001). Algumas literaturas indicam que o período puérperal se estenda até o final da lactância, pois, o organismo ainda não retornou ao seu estado pré-gravídico, sendo inundado por hormônios próprios a amamentação (Brasil, 2013).

Durante o ciclo gestacional puérperal a pessoa está exposta a adaptações anatômicas e fisiológicas com repercussões sobre sua saúde mental. Em relação ao útero após o parto



ele se localiza entre a sínfise púbica e a cicatriz umbilical, passado dois dias o fundo uterino está na altura da cicatriz umbilical, com três ou quatro dias o útero está na cavidade pélvica e ocorre uma diminuição considerável de volume. Os lóquios que corresponde a descamação externa do endométrio, sendo eliminado durante o puerpério. Nos primeiros dias, apresentam-se como sangue em quantidade moderada e em três ou quatro dias, como, seroso e descolorado e, em torno de 10 dias de puerpério, tem a aparência esbranquiçada (Freitas *et al.*, 2017; Montenegro E Rezende Filho, 2014).

A vulva e a vagina envolvem no pós-parto imediato, quando há laceração a região pode cicatrizar rapidamente, por volta de quatro a cinco dias, entretanto algumas situações necessitam de suturas, principalmente, lacerações extensas e com comprometimento tecidual profundo. Além disso, o sistema circulatório se adapta apresentando aumento do volume plasmático, débito cardíaco, resistência vascular periférica, em duas semanas no pós parto o sistema se normaliza. Também durante esse período há redução de peso e edema decorrentes de líquidos retidos durante a gestação (Sartori, p. 291, 2019).

Outras alterações anatômicas são as de ordem respiratória, onde o diafragma possui um espaço maior para seu funcionamento que antes era limitado pelo aumento do volume uterino, além disso, os outros órgãos dessa região voltam as posições anteriores a gestação, e isso facilitará o seu funcionamento, principalmente, o esvaziamento gástrico e intestinal. Ainda, pode haver um aumento da urgência miccional e do volume urinário decorrente da redistribuição de líquidos corporais,mas o oposto pode acontecer quando usado anestésias ou apresentam traumas uretrais relacionados a sondas vesicais, esses que resultam em desconforto miccional e sensação de esvaziamento incompleto da bexiga (Freitas *et al.*, 2017; Ricci, p. 429-569, 2019).

Para mais, a mama feminina passa por algumas alterações que iniciam na gestação e se estendem até o puerpério preparando a mama para a produção de leite. O estrogênio durante a gestação estimula a ramificação do sistema de ductos e o progestogênio, a formação dos lóbulos; e o lactogênio placentário, prolactina e gonaotrofina coriônica auxiliam no desenvolvimento mamário. Após o parto, com a retirada da placenta, há quedas de progestogênio, lactogênio placentário, estrógenos e progesterona e liberação da prolactina pela hipófise, iniciando a produção de leite (Vieira *et al.*, 2018).

Outro fator que influencia na produção do leite é a sucção do bebê na mama, em decorrência disso são liberados os hormônios ocitocina e prolactina, o primeiro estimula a contração das células produtoras de leite, auxiliando na saída do leite na mama e o segundo



estimula a produção do leite. Ainda sobre a ocitocina, ela provoca o reflexo de ejeção que ira proporcionar a descida do leite pelos ductos até o mamilo. Por isso, é necessário que o bebê faça a pega correta e sucção correta da mama. Cabe ao profissional de saúde orientar ao sobre a amamentação, incluindo, os benefícios e identificar as possíveis dificuldades da puérpera, questões anatômicas que podem dificultar o aleitamento materno (Ricci, p. 429-569, 2019; Montenegro E Rezende Filho, 2014).

A puerpéra também está exposta a alterações psicológicas e sociais, visto que, trata-se de um momento de intensas mudanças, principalmente, no corpo da mulher influenciando em sua auto-estima. Maior sensibilidade psiquica, ansiedade, medo, sintomas depressivos, luto pela antiga percepção que tinha de si, falta da antiga rotina, perda do corpo gravídico, demora de retorno ao corpo pré-gestacional, comparação entre o bebê idealizado e o bebê real, identificação do bebê como sendo outra pessoa e não uma extensão da mãe são algumas das alterações psicológicas vivenciadas no puerpério (Cantilino *et al.*, 2010).

Ainda, em relação as alterações sociais pertinentes a puerpéra, especificamente, funções sociais impostas na contemporaneidade, ela se encontra desgastada e dividida entre dupla jornada de trabalho, ou seja, no mercado de trabalho e no lar, tendo a maior responsabilidade sobre a criação do filho(a). No momento em que ela se torna mãe esperam que ela priorize as necessidades do filho (a), romantizam o puerpério acreditando ser um período sem desafios e que a mulher instintivamente está preparada para passar pelas mudanças que advêm dessa nova realidade (Scavone *et al.*, 2001; Castro *et al.*, 2022).

Mas, esse pensamento de “instinto maternal” ou a “invenção da maternidade” teve início no final do século XVIII e é oriundo da ideia de amor romântico, idealização do lar, famílias tradicionais, e, sofrem influências vindas das modificações das relações entre pais e filhos com o declínio do poder patriarcal e crescimento das familias matriarcais, onde as mulheres possuem maior afeição e decisão na criação dos filhos (as), ainda, nesse período houve associação da maternidade com a feminilidade, ou seja, sendo mãe, ela se torna uma “mulher completa” (Giddens, 1993).

Ainda, nas relações sociais contemporâneas, a mulher para a sociedade patriarcal, nasce para ser mãe, sendo sua principal função social (Knibielher e Fouquet, 1977). Apesar de existirem muitas discussões sobre o papel da mulher na sociedade, principalmente, oriundas do movimento feminista, ainda é possível identificar uma idealização da maternidade como forma de reconhecimento social, podemos observar esse fenômeno nos discursos de mães adolescentes (Scavone *et al.*, 2001; Chacham *et al.*, 2012).



Independente da idade a puérpera é vista como um ser insuficiente pelos profissionais de saúde, sendo assim, ela não é mentalmente capaz de decidir sobre questões primordiais da maternidade, como a via de parto, amamentação, ou, como irá lidar com o puerpério. E é nesse momento que a mulher é despersonalizada, ou seja, são ignorados seus desejos sobre sua maternidade e impostos outros pelos profissionais de saúde (Ladeira & Borges, 2022).

Ainda, sendo o puerpério um momento de vulnerabilidade biopsicosocial, campo fértil para a institucionalização da violência obstétrica, portanto, as interações advindas dele são decisivas na forma que a mulher irá lidar com a maternidade. A violência obstétrica pode se manifestar no pós-parto, como, excessivos exames sem indicação, desrespeito das vontades inerentes a amamentação, exposição das mulheres, como, tornar público que ela seja portadora de alguma infecção sexualmente transmissível que a impeça de amamentar são algumas formas que a violência pode aparecer nesse contexto (Cantilino *et al.*, 2010; Ladeira & Borges, 2022).

Percebendo que a mulher durante o puerpério está exposta a vários fatores que podem causar adoecimento mental tornar-se necessário que ela se empodere de informações desde o período pré-gestacional, gestacional, parto e puerpério. A educação em saúde deve ser realizada por um profissional de saúde em todas as fases da vida da usuária dos serviços de saúde com o objetivo de prepara-lá para o enfrentamento de doenças, ou, questões relativas a saúde da mulher, gestante, parturiente e/ou puérpera (Oliveira *et al.*, 2019).

A educação em saúde pode colaborar para o empoderamento feminino, sendo esse definido como ato de tomada de poder em participação social às mulheres, expressado através de ações que fortalecem o gênero feminino e promovem a equidade. Em relação ao empoderamento feminino durante o puerpério, ele ocorre quando é incentivado que elas expressem suas dúvidas, necessidades e opiniões sobre o seu puerpério, saúde e cuidados com o recém nascido (Lima *et al.*, 2017).

Durante a amamentação é imprescindível que ela tenha recebido informações suficientes para exercer o empoderamento feminino realizando escolhas autônomas e conscientes, bem como, na decisão sobre a via de alimentação do bebê. Esse empoderamento tem relação com o desenvolvimento de consciencia corporal, entendimento das fases do parto e puerpério, e, isso irá influenciar na aceitação do tipo de parto natural, aleitamento materno



exclusivo e possui potencial para repercussões positivas no binômio mãe-bebê em relação a saúde mental e física (Franco *et al.*, 2019; Song *et al.*, 2020).

Além disso, a amamentação pode vir acompanhada de algumas intercorrências dolorosas em decorrência da pega incorreta ou sucção ineficaz da mama pelo recém-nascido, acontece geralmente durante os primeiros dias pós-parto, pois o bebê ainda está se adaptando ao ambiente extra-úterino e ao novo tipo de alimentação. Por tanto, a puérpera necessita de atenção para evitar essas intercorrências, e essa é uma função dos profissionais de saúde, eles precisam orientar, empoderar e incentivar o desenvolvimento de resiliência frente aos desafios próprios da maternidade (Almeida *et al.*, 2019; Quesado *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2015).

Ademais, outro fator com potencial para promoção do empoderamento feminino durante o puerpério é possuir uma rede de apoio, essa rede pode ser composta por outras puérperas, familiares, amigos, profissionais de saúde que irão estimular o diálogo para enfrentamento de questões desafiadoras advindas da maternidade, com o desenvolvimento de estratégias para fortalecimento da autoconfiança necessários para enfrentamento de estigmas sociais, bem como, essa atitude pode influenciar em maior adesão ao aleitamento materno (Lima *et al.*, 2017).

Ainda, o empoderamento feminino e a equidade de gênero em todos os âmbitos da vida das mulheres são lutas diárias do movimento feminista no Brasil, discussões sobre equidade salarial entre homens e mulheres; direito a licença-maternidade remunerada, inclusive, discussões sobre sua duração; naturalização da amamentação que por muitos é vista como algo sujo e sexual; busca por locais públicos e de trabalho amigáveis a amamentação são pautas que precisam ser incluídas em debates de políticas públicas (Kalil *et al.*, 2016; Muller *et al.*, 2021).

Além disso, o estado precisa estimular o cumprimento de políticas públicas voltadas a saúde da mulher, como, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), lançada em 2004 e reformulada em 2011, possui um conjunto de diretrizes e ações do Sistema Único de Saúde (SUS) para garantir uma abordagem abrangente e específica às necessidades de saúde das mulheres. Aborda, dentre outras coisas a garantia dos direitos legalmente constituídos, a ampliação, qualificação e humanização a atenção integral à saúde da mulher no Sistema Único de Saúde (Brasil, 2011).



Também, a Rede Cegonha que é uma estratégia desenvolvida pelo SUS com os objetivos de garantir as mulheres o planejamento reprodutivo, atenção humanizada à gravidez, parto, abortamento e puerpério; e, as crianças o nascimento seguro, crescimento e desenvolvimento saudáveis contribuindo para o aleitamento materno e outras questões relacionadas a saúde materno-infantil, como, acolhimento e acompanhamento integral, pré-natal qualificado, atenção ao parto humanizado e a saúde do recém-nascido oferecendo uma rede de cuidados integrada com outros serviços de saúde, como unidades básicas de saúde, maternidades, hospitais e programas de atenção básica (Brasil, 2011).

3. PALHAÇARIA E O EMPONDERAMENTO FEMININO

Um fator grande relevância que pode servir para a promoção de saúde e de práticas de cuidado humanizado e de empoderamento feminino é uma das práticas integrativas e complementar prevista na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, que entre as práticas difundidas pelo Ministério da Saúde do Brasil, está a arteterapia (Brasil, 2017). Dentro desta prática, podemos destacar a palhaçaria terapêutica, como uma forma de arteterapia.

Esta é uma prática de reconhecida importância, o trabalho humanizado do palhaço no hospital junto aos pacientes, familiares e profissionais, e possui um expressivo papel resignificador da vivência no ambiente hospitalar, considerando à importância do cuidado com todos que fazem parte desse contexto, respeitando os limites e as necessidades de cada indivíduo (Melo; Ramos; 2020).

A palhaçaria é uma potente tecnologia social, terapêutica, educativa e, deste modo pode-se afirmar que é uma transformadora de realidades. O palhaço utiliza uma linguagem amorosa, subversiva, poética, pura e intensa, que também é expressada através de seus movimentos corporais. É uma prática afetuosa, que atua como um farol, iluminando o arcabouço de recursos artísticos, comunitários, científicos que rompe tabus. O palhaço é um cuidador que também tem potencial de educar e nutrir toda a comunidade com conhecimento, arte e cuidado amoroso (Maia *et al.*, 2023).

Quando se faz referência ao termo palhaçaria, não está sendo falado sobre os estereótipos de palhaço que frequentemente aparecem na televisão ou nos espetáculos circenses. A palhaçaria da qual está sendo discutida representa a arte do encontro, que é



construída no improviso, é marcada pelo humor, pelo riso com o outro, ao invés do riso do outro. Esta arte é um constante processo de vir a ser em movimento; por isso, a palhaça ou o palhaço não tem como ser totalmente definido na conserva cultural das palavras. Arrisca-se dizer que palhacear é estar em uma relação diferente com o mundo dos humanos, na qual o que impera sobre a razão é a sensibilidade e o encontro (Bruhn *et al.*, 2019).

A figura do palhaço terapêutico, na tentativa de mitigar o sofrimento da hospitalização e de buscar a imersão do sorriso que perpassa pelo corpo doente, seja adulto ou criança, ganha um espaço crescente na valorização dos aspectos psicossociais e das ações de humanização do cuidado. São as experiências no contexto da formação e prática do palhaço que contribuem para o desenvolvimento de diversos aspectos da identidade pessoal e social. O palhaço tem potencial de subverter a lógica, através da piada e riso, facilitando a ressignificação do outro indivíduo e da sua própria identidade (Melo; Ramos, 2020).

A palhaçoterapia também promove benefícios ao paciente no âmbito fisiológico, comportamental e emocional, reduz a ansiedade pré-operatória e promover a ressignificação das práticas clínicas e do próprio ambiente (Catapan *et al.*, 2019). Outros benefícios também são descritos na literatura científica, sabe-se que esta prática pode promover a redução da sensação de dor, o medo e a ansiedade durante procedimentos em pacientes (Kurudirek *et al.* 2021).

Evidencia-se que a palhaçaria terapêutica, como já muito difundida pelo Dr. Patch Adams, não é exclusiva de pacientes pediátricos, ela também deve ser aplicada em adultos. Esta prática dentro da medicina, auxilia para que todos os médicos possam se lembrar que não são apenas médicos, e que os pacientes não são apenas pacientes (Boscarelli *et al.*, 2017). Esta prática também promove benefícios para as mães acompanhantes, promovendo alegria que reflete até na interação da mãe com os profissionais de saúde (Oliveira & Oliveira, 2008). Dentro deste contexto, é possível que estes benefícios sejam repercutidos também para as mulheres no puerpério, desde que as ações realizadas tenham a sutileza e sensibilidade de que este período necessita, e deste modo contribuir também para o empoderamento destas mulheres.

Muitos estudos destacam que a palhaçaria empoderam os pacientes (Sato, 2016; Catapan *et al.*, 2019). O empoderamento feminino pode ser estimulado a partir do incentivo ao pensamento lúdico da puérpera com dinâmicas educativas para promoção da saúde (Fuchs, 2020; Nascimento, 2017), por isso, estas práticas também necessitam ser



adaptadas e fortalecidas nas maternidades. Estas ações voltadas para o empoderamento feminino, via palhaçoterapia podem ajudar no cumprimento da agenda 2030 da Organização Das Nações Unidas que contem os objetivos do desenvolvimento sustentável, mais especificamente, o objetivo 3 que prevê ações de promoção da saúde materno-infantil, e, ainda, auxiliar na implementação prática da declaração universal dos direitos humanos que institui o direito de participar livremente da vida cultural, a maternidade e a infância (ONU, 1948; ONU, 2015).

4. CONCLUSÃO

O puerpério é um período da vida reprodutiva da mulher que impoe várias mudanças, sendo elas, fisiológicas, psicológicas e sociais de grande impacto. Esse momento é acompanhado de dor, desconforto, adaptações hormonais e euforia que podem influenciar na decisão dela sobre o aleitamento materno, visto que é um processo multifatorial, dependendo tanto de ações físicas, como liberações hormonais para a produção de leite. Além disso, por ser um momento de vulnerabilidade a puérpera está exposta a violência obstétrica e mudanças nas relações sociais, sendo a educação um forte aliado para o empoderamento feminino, sendo a palhaçoterapia uma ferramenta promissora, que corrobora com para o emponderamento feminino; prevenindo, dessa forma, os diferentes tipos de violência ao qual estão expostas e contribuindo para o cumprimento de alguns dos objetivos do desenvolvimento sustentável previstos na agenda 2030 e da declaração de direitos humanos da Organização das Nações Unidas.

AGRADECIMENTO

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – FAPES, pelo apoio financeiro para a execução deste projeto, por meio do edital 04/2022-Fapes-PROAPEM.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Janie; MARTINS, Ana; AMARAL, Daniela. *et al.* Prevalência de intercorrências relacionadas à amamentação em puérperas. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 20 n. 4, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/RFCMS/article/view/32928>. Acesso em: 14 mar. 2024.

AZEVEDO, Miri; SERPA, Nara. Poder e o Empoderamento Feminino. **Revista Veritas de Difusão Científica**. V.4, n.2, p.1–23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.61616/rvdc.v4i2.43>. Acesso em: 14 mar. 2024.



BOSCARELLI, Alessandro. Clown therapy: not only a pediatric matter. **Transl Pediatr**, v.6, n.2, p.111-112, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5413471/pdf/tp-06-02-111.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Atenção ao pré-natal de baixo risco**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_32.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_mulher_principios_diretrizes.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

BRASIL. **O SUS das Práticas Integrativas: Arteterapia**. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps>. Acesso em: 14 mar. 2024.

BRUHNI, Marília; BOSCOLOII, Kim; BARBOZAI, Rita; CRUZ, Lilian. Psicologia, palhaçaria e psicodrama: construção coletiva de aprendizados e intervenções. **Rev. Bras. Psicodrama**, v.27, n.1, p. 65-74, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932019000100007. Acesso em: 13 mar. 2024.

CANTILINO, Amaury; ZAMBALDI, Carla; SOUGEY, Everton; RENNÓ JR, Joel. Transtornos psiquiátricos no pós-parto. **Arch. Clin. Psychiatry**, v.37, n.6, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/nfBndszPxgSTqkh9zXgpnjK/>. Acesso em: 10 mar.2024.

CASTRO, Viviane. A FUNÇÃO SOCIAL DA MATERNIDADE NO CAPITALISMO PATRIARCAL: limites e possibilidades. **Revista Ciências Humanas**, v.15, n.1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2022.v15.n1.a849>. Acesso em: 14 mar. 2024.

CATAPAN, Soraia; OLIVEIRA, Walter; ROTTA, Tatiana. Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 9, p. 3417-3429, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/fRb4SqQcHZ4MzTDNF4SD68z/#>. Acesso em: 14 mar. 2024.

CHACHAM, Alessandra; MAIA, Mônica ; CAMARGO, Malco. Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em Belo Horizonte. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 389-407, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/K9szWRX78C4w3gmZtKdKRdg/?format=pdf>. Acesso em: 14 mar. 2024.

FUCHS, Marie. Prefácio–Perspectiva de gênero: um desafio necessário e urgente para a Consolidação do Estado de Direito nas Américas. In: SILVA, Christine Oliveira Peterda; BARBOZA, Estefânia Maria de Queiroz; FACHIN, Melina Girardi (Coord.). **Constitucionalismo feminista: expressão das políticas públicas voltadas à igualdade de gênero**. Salvador: Editora JusPodivm, 2020. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Constitucionalismo-Feminista-Express%C3%A3o-pol%C3%ADticas-igualdade-ebook/dp/B098TR7JQ3>. Acesso em: 14 mar. 2024.

FRANCO, Maurilo; CARVALHO, José; LIRA, Daniel. *et al.* Tecnologia educacional para empoderamento materno na autoeficácia em amamentar / Educational technology for



empowerment in maternal breastfeeding self-efficacy. **Rev. enferm. UFPE on line**, v.13, p.1-8, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1088060>. Acesso em: 13 mar. 2024.

FREITAS, Fernando.; PASSOS, Eduardo; MAGALHÃES, José; RAMOS, José; COSTA, Sérgio. **Rotinas em obstetrícias**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. M. Lopes (Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/anthony-giddens/a-transformacao-da-intimidade/2057972940>. Acesso em: 14 mar. 2024.

KALIL, Irene; AGUIAR, Adriana. Trabalho feminino, políticas familiares e discursos pró-aleitamento materno: avanços e desafios à equidade de gênero. **Saúde debate**, v.40, n.110, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2016.v40n110/208-223/pt/>. Acesso em: 14 mar. 2024.

KURUDIREK, Fatma.; ARIKAN, Duygu.; SARIALIOĞLU, Arzu. Effects of therapeutic clowning on pain and anxiety during venous blood sampling in Turkey: Randomised controlled trial. **Journal for specialists in pediatric nursing**, v.26, n.4, p. 12352, 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jspn.12352>. Acesso em: 13 mar. 2024.

KNIBIELHER, Yvonne; FOUQUET, Catherine. **Histoire des Mères**. Paris: Montalba, 1977. E-book. Disponível em: <https://search.worldcat.org/pt/title/histoire-des-meres-du-moyen-age-a-nos-jours/oclc/300952177>. Acesso em: 14 mar. 2024.

LADEIRA, Francielli ; BORGES, William. Colonização do corpo e despersonalização da mulher no sistema obstétrico. **Rev. adm. empres**. v.62, n.4, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020220406>. Acesso em: 14 mar. 2024.

LIMA, Anilza Nolasco de. **Trajetória do grupo de mães amigas do peito e o início empoderamento feminino no processo de amamentação**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós - graduação em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil da Maternidade) - Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/15687/1/ANdeLima.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MAIA, Gláucia; VIANA, Aleide; CARVALHO, Carolina; FÉLIX, Thiago. Celestina, SUS and Sertão: a therapy clown experiment in popular education in health. **Ciênc. Saúde Colet**, v.28, n.5, p. 1479-1489, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4sjdBwwF4PB4hTBnkCy8Pqs/abstract/?lang=en#>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MELO, Cynthia; RAMOS, Camila. Através do nariz vermelho: a identidade do palhaço. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v.38, n. 3, p. 1-13, 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1794-47242020000300120&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2024.

MONTENEGRO, Carlos; REZENDE FILHO, Jorge. **Obstetrícia fundamental**. 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

MULLER, Matheus; FERNANDES, Fernanda. Políticas públicas como instrumento democrático: busca pela equidade de gênero no Brasil. **CAMPOS NEUTRAISREVISTA LATINO-AMERICANA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**, v. 3, n. 3, p. 87-109, 2021.



Disponível em: <https://periodicos.furg.br/cn/article/view/13957/9338>. Acesso em: 14 mar. 2024.

NASCIMENTO, Isabela. **Considerações sobre o Empoderamento Feminino na Arte**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/20222/1/2017_IsabelaFormigaOliveiraNascimento_tcc.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

OLIVEIRA, Carolina; IOCCA, Fátima; CARRIJO, Mona. *et al.* Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. **Rev. Gaúcha Enferm. (Online)**, v.36, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/kw7FWgzJcxQw7DxKHb5qZ4D/#>. Acesso em: 14 mar. 2024.

OLIVEIRA, Roberta; OLIVEIRA, Isabel. Os Doutores da Alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem. *Escola Anna Nery*, v. 12, n. 2, p. 230–236, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/MGRHgtdhKJ4qV7sx9sP8qRB/#>. Acesso em: 11 mar. 2024.

OLIVEIRA, Thais; ROCHA, Kátia; ESCOBAR, Ana; MATOS, Greice; CECAGNO, Susana; SOARES, Marilu. Orientações sobre período puerperal recebidas por mulheres no puerpério imediato. **Rev. pesqui. cuid. Fundam**, v.11, n.3, p.620-26.8, Abr-Mai. 2019. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-994787#fulltext_urls_biblio-994787. Acesso em: 13 mar. 2021.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/>. Acesso em: 14 mar. 2024.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal Dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 14 mar. 2024.

QUESADO, Nathalia; CASTRO, Máira; SANTOS, Gabriela. *et al.* Intercorrências mamárias relacionadas à amamentação em uma maternidade amiga da criança. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4635>. Acesso em: 14 mar. 2024.

RICCI, Susan. **Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher**. Grupo Gen-Guanabara Koogan, 2019. E-book. Disponível em: [https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788527739023/epubcfi/6/2\[%3Bvnd.vst.idref%3Dcover\]!/4/2/2%4051:41](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788527739023/epubcfi/6/2[%3Bvnd.vst.idref%3Dcover]!/4/2/2%4051:41). Acesso em: 11 mar. 2024.

SATO, Mariana *et al.* Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. *Payasos: una revisión sobre el uso de esa máscara en el ambiente hospitalario*. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 20, n. 56, p. 123–134, jan. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/dvyvCQfpZCcQB8ZLVkVdLhL/abstract/?lang=pt#ModalTutors>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SARTORI, Amanda. **Cuidado integral à saúde da mulher**. Editora SAGAH, 2019. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595029538/cfi/11!/4/4@0.00:0.00>. Acesso em: 11 mar. 2024.



SONG, Glacy. **Orientações recebidas pelas gestantes sobre amamentação durante o pré-natal e sua repercussão no puerpério imediato.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Saúde. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/218402>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface (Botucatu)**, v.5, n.8, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/NzTkJJrXYGPHDZ3sQRbR9tc/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

VIEIRA, Lucas; MARTINS, Géssica. Fisiologia da mama e papel dos hormônios na lactação. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6 n. Especial, 2018. Disponível em: <http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/762>. Acesso em: 13 mar. 2024.